

Universidades Lusíada

Ferrão, Leonor, 1956-

O céu [não] pode esperar

<http://hdl.handle.net/11067/8375>

Metadados

Data de Publicação	2005
Editor	Universidade Lusíada
Palavras Chave	Publicações científicas - Portugal - Lisboa, Desenho - Periódicos
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-FAA] ArLíquido, n. 1 (2005)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T02:34:57Z com
informação proveniente do Repositório



O Céu [não] pode esperar¹

Leonor Ferrão

*Três vezes me lancei para ela, dizendo-me o espírito
que a abraçasse! Três vezes ela se evolou dos meus braços
como sombra ou sonho; a minha dor tornou-se mais aguda
e falando-lhe proferi palavras apetrechadas de asas*

HOMERO, *Odisseia* (XI, 205)

i. Céu

Partindo de um sentimento de urgência manifestado no título e da exploração das virtualidades expressivas de algumas palavras-chave, exorta-se o leitor à produção de textos nos âmbitos disciplinares da Arquitectura e do Design. As imagens que o iluminam são representações conhecidas do conceito de «anjo» e permitem convocar diversos registos expressivos bem como os respectivos universos de produção e de fruição².

ii. Anjo

Anjo é uma «palavra apetrechada de asas»³. Provém do latim eclesiástico (*angelus*) e tem origem na palavra grega αγγελος, que significa «mensageiro». Na acepção teológica, designa um «ser incorpóreo, imortal e inteligente que serve de mensageiro entre Deus e os homens»⁴. Existem outros significados, consoante o contexto ou decorrentes da sua associação a determinados vocábulos - *anjo tutelar*, *anjo das trevas*, *anjo da morte*. Costuma usar-se em expressões idiomáticas, quase sempre com alguma ironia: *estar entre Deus e os anjos*, *ter paciência de anjo*, *dormir como um anjo*, *cair que nem um anjo*,

PALAVRAS-CHAVE
crítica de arquitectura
arquitectura - ensaio
KEYWORDS
architectural criticism
architecture - essay

NA2500.F47

ser ou *armar-se em anjo*, ser *belo como um anjo*. Também se diz *discutir o sexo dos anjos*, mas, ao contrário do dito, os anjos têm sexo⁵, pelo que vale a pena discutir tudo, mesmo o sexo dos anjos.

iii. *Angelus Novus*

É o título de uma aguarela que Paul Klee (1879-1940) pintou em 1920 e o de uma publicação periódica sonhada por Walter Benjamin (1892-1940), projecto que acabou caído na gaveta tal como o ensaio de apresentação⁶. O *Angelus Novus* de Klee inspirou outro ensaio de Benjamin⁷. O *Anjo da História* tem um olhar desorbitado como o de Klee, de terror, não de espanto. Um vento que sopra do Paraíso impede-o de fechar as asas e impele-o para o futuro. Sem qualquer possibilidade de retorno, está condenado a assistir ao espectáculo do mundo sem poder interferir.

A Klee painting named 'Angelus Novus' shows an angel looking as though he is about to move away from something he is fixedly contemplating. His eyes are staring, his mouth is open, his wings are spread. This is how one pictures the angel of history. His face is turned toward the past. Where we perceive a chain of events, he sees one single catastrophe which keeps piling wreckage upon wreckage and hurls it in front of his feet. The angel would like to stay, awaken the dead, and make whole what has been smashed. But a storm is blowing in from Paradise; it has got caught in his wings with such violence that the angel can no longer close them. This storm irresistibly propels him into the future to which his back is turned, while the pile of debris before him grows skyward. This storm is what we call progress.⁸

Partilhando ou não desta concepção trágica de História⁹ - não é o que importa agora discutir -, o projecto de *Angelus Novus* mantém intacto o seu sentido e a sua fragrância:

The vocation of a journal is to proclaim the spirit of its age. Relevance to the present is more important even than unity or clarity, and a journal would be doomed - like the newspapers- to insubstantiality if it did not give voice to a vitality powerful enough to salvage even its more dubious components by validating them.¹⁰

No contexto das publicações periódicas, a alegoria do anjo também é operativa dada a sua natureza volátil:

After all, according to a legend in the Talmud, the angels - who are born anew every instant in countless numbers - are created in order to perish and to vanish into the void, once they have sung their hymn in the presence of God. It is to be hoped that the name of the journal will guarantee it contemporary relevance which is the only true sort.¹¹

Assim, os artigos a publicar em periódicos devem possuir interesse para o seu presente. Por isso, o céu não *pode esperar* que se encontrem as «palavras apetrechadas de asas» para publicar neste tipo de suportes nascidos para durar muito pouco. Seria uma maneira de aprisionar os dedos com *anjinhos*¹² imaginários, menos dolorosa mas igualmente paralisante para o exercício da *escrita* ou mesmo do *escrito*:

A nossa cultura da fala nada tem, nem terá, da tradição das grandes culturas da oralidade efabulativa e da grande oratória argumentativa. [...] O que hoje está claramente em declínio poderá não ser ainda a cultura “do escrito”, mas é certamente a cultura “da escrita”. [...] E não se antevê o dia em que possa voltar a fazer sentido o ditado latino que diz “Scripta manent, verba volant”, ou seja, que a escrita fica e as palavras voam. Se ao menos ficassem as palavras aladas da imaginação...¹³

Mesmo descendo à Terra, nos âmbitos disciplinares da Arquitectura e do Design, não é difícil distinguir *escrita* de *escrito* mas continua a ser muito difícil escrever as tais «palavras apetrechadas», tão necessárias a uma prática esclarecida. Urge, por isso, ensaiar.

iv. Desejado

Investigadores «precisam-se», desde que dispostos a publicar sem recompensa metálica à vista. Do anjo-arquitecto e do anjo-designer, divididos entre manter os *anjinhos* que os próprios colocaram ou libertarem-se deles para escrever, esperam-se artigos sobre temas actuais, pertinentes, inéditos, imaginativos sem serem fantasiosos, cientificamente sérios e honestos (sempre).

Qualquer mortal sabe que o preço de capa não dá nem para as penas, muito menos para as asas: o mercado português continua a ser demasiado pequeno, por mais que aumentem o número de estudantes e de licenciados em Arquitectura e em Design e o público potencialmente interessado (se não existe, poderá ser criado). Também é certo que esta constatação só contenta

Melancholia
gravura a buril, 24x19 cm
Inscrições: «1514»,
monograma de Dürer e
«Melencolia I»
1514
Albrecht Dürer (1471-1528)
Museum Albertina, Viena



os *anjos*. Por isso, justifica-se a exortação inicial, que agora se completa: precisam-se seres corpóreos, capazes de transformar muitas penas em asas que voem, expressando-se com palavras «apetrechadas de asas».

v. Formato

É o pretexto que justifica este texto. A missão das publicações periódicas continua a ser a de abordar os temas que o corpo editorial identifica como os mais prementes e oportunos num determinado momento. Com rigor, seriedade e independência, sem concessões a quaisquer critérios *outros*. Felizmente, existem alguns modelos de referência e de reverência¹⁴. A periodicidade é importante. Se for mensal, não haverá, certamente, colaboradores disponíveis, se for anual perde a aura de publicação periódica.

vi. Voo picado e queda

O género de texto que melhor convém a uma publicação periódica é o ensaio, porque se adequa à extensão (reduzida) e ao «prazo de validade» (por vezes ainda mais reduzido) dos artigos.

Ao oferecer uma visão de sobrevoos sobre um determinado fragmento da realidade¹⁵, suscita uma subjectividade que partilha, amorosamente, com os leitores-cúmplices. Estes agradecem, procurando nos números seguintes os títulos dos seus autores preferidos ou descobrindo novos *angeli novi*.

Num tempo em que o pensamento teórico continua a pulverizar-se, «precisam-se» textos no âmbito da Teoria da Arquitectura e da Teoria do Design. Enquanto o género «tratado» parece ter voado de vez para o Céu, o género «ensaio» continua a pairar por perto, tutelando ou fundamentando a actividade de muitos profissionais «da cultura do Desenho»¹⁶.

Os primeiros ensaios de Arquitectura surgiram da pena de amadores e diletantes, ao contrário dos tratados, género muito mais antigo mas só acessível a arquitectos (e a designers), na teoria e, por vezes, na prática¹⁷. A possibilidade de *uma* teoria da arquitectura e de *uma* teoria do design passa por¹⁸:

1. Um discurso integralmente orientado para o projecto (concepção), que emerge da prática ou da sua observância mas sem se esgotar nela, com um carácter assumidamente sistemático (*De Re Aedificatoria* foi o primeiro de muitos tratados que se produziram no âmbito disciplinar da Arquitectura);
2. Um discurso igualmente orientado para o projecto mas abordando aspectos



parcelares (território privilegiado do ensaio);

3. Um discurso de carácter eminentemente especulativo, sem uma aplicação directa e (ou) imediata para o projecto (julgo que as utopias talvez se possam incluir neste grupo apesar do seu carácter «instaurador» e ainda os textos que Françoise Choay designa por «comentadores», como o ensaio de Heidegger «Bauen, Wohnen, Denken» (1951) e o de Hegel sobre a função simbólica da arquitectura).

Tudo o que se posicione para além disto, ainda que reportando à teoria, pertence ao domínio da História/Crítica. Também neste registo disciplinar encontram-se duas modalidades possíveis, uma partindo da identificação de um tema recorrente ou pontual, tratando-o ao longo de um fragmento de tempo e num contexto civilizacional previamente definidos ou num determinado momento mas em diversos contextos; outra (re)fazendo a história da Teoria, cruzando balizas cronológicas com os núcleos culturais/civilizacionais¹⁹.

Se a superficialidade geral é preocupante no registo disciplinar da Arquitectura, o que se poderá dizer quanto aos contributos teóricos no âmbito da teoria ou da crítica do Design?

vii. *Quid tum*

Enquanto se (des)espera, sirva-se um *manjar celeste* a preceito. Convoque-se um quarteto de *anjos* músicos e escolha-se a partitura adequada para «refrescar o espírito»²⁰. Em seguida, cultive-se o género **ensaio** nos territórios férteis da História e da Crítica, em courelas separadas ou como fizeram dois *anjos* da história da História, do alto dos seus olhos alados²¹.

Por fim, resta adormecer, para ter pesadelos a fingir ou sonhos de verdade. Mas não por muito tempo, para que algumas palavras possam começar a «bater asas»²².

Medalha

bronze,

«quid tum» (anverso),
efígie de Leon Battista

Alberti (verso)

c. 1430

Matteo de' Pasti

(1420-c.1468)

Museo del Bargello, Florença





Der Himmel über Berlin
(fotogramas do filme),
1987
Wim Wenders (1945-)
República Federal da
Alemanha

¹ Este texto é uma adaptação de uma comunicação de cinco minutos, apresentada na sede da Ordem dos Arquitectos no âmbito de um seminário intitulado «Formato - Política Editorial de Arquitectura» (Lisboa, 7 e 8 de Maio de 2004). O título deriva de um clássico de Ernst Lubitsch, *Heaven Can Wait* (EUA, 1943), repetido no *remake* de Warren Beatty (EUA, 1978). Em português, é uma expressão muito comum, usada aqui sem qualquer ironia. A explicação apresentada corresponde a uma parte da motivação para escrever este texto. Tendo encomendado um ensaio aos meus alunos de 5º ano da licenciatura em Design (na disciplina de Crítica do Objecto), decidi submeter-me ao mesmo exercício para comunicar uma maneira de fazer com uma aplicação. Este propósito explicita a facilidade em acrescentar a palavra «Design» ao texto que apresentei no seminário «Formato», sempre que surge a palavra

«Arquitectura». O aparato crítico, completamente inútil para a comunicação apresentada, denuncia, mais uma vez, os propósitos didácticos, fornecendo uma aplicação possível de referências cultas variadas e de algumas leituras recomendadas no âmbito da disciplina (nomeadamente os textos de Françoise Fichet e de Françoise Choay).

² As imagens que ilustraram a comunicação no seu «formato» inicial e a versão que agora se publica são fotogramas de *Der Himmel über Berlin* de Wim Wenders (RFA, 1987), uma reprodução da aguarela *Angelus Novus* de Paul Klee, um pormenor do lado esquerdo do painel central do retábulo de Issenheim (1512-16), obra maior de Matthias Grünewald (1470-1528). Para a presente publicação, para além da revisão do texto e das notas, eliminou-se a reprodução da aguarela de Klee, acrescentou-se uma imagem

de uma face da medalha com o emblema de Leon Battista Alberti (1404-72), obra de Matteo de Pasti (1420-c.1468) - a outra face tem a efígie de Alberti - e uma gravura de Albrecht Dürer (1471-1528).

- ³ Expressão encontrada por Frederico Lourenço para a fórmula épea pteróenta, preservando a musicalidade e o sentido (cf. HOMERO, *Odisseia*. Lisboa: Cotovia, 2003. p. 9). Maria Helena da Rocha Pereira discorda desta tradução e apresenta as suas razões em "Odisseia: uma Tradução "Não Arcaizante nem Académica", in *Público - Mil Folhas* (2003/06/28). Na recente tradução da *Ilíada* (Lisboa: Cotovia, 2005), Frederico Lourenço responde ao comentário de Maria Helena da Rocha Pereira, esclarecendo o sentido da metáfora homérica: a fórmula épea pteróenta "não evoca uma coisa naturalmente alada, como uma ave; mas sim algo que foi provido ou apetrechado de asas, como uma seta" (*op. cit.*, p. 25). Por exemplo, no fragmento em epígrafe extraído da *Odisseia*, Ulisses abraça-se ao espectro de sua mãe, Anticleia, e dirige-lhe palavras ágeis e certeiras (como setas) que comunicam a intensidade da sua dor e tocam (ferem) quem as escuta... Ora é exactamente este o sentido que interessa convocar para o contexto do presente artigo, ainda que não se desdigne da dimensão poética da fórmula "palavras aladas".

- ⁴ *Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências*. Lisboa: Academia das Ciências/Fundação Calouste Gulbenkian/Verbo, 2001. p. 252.

- ⁵ Segundo S. Justino, filósofo e mártir cristão do séc. II, os diabos e as diabas são os filhos das uniões pecaminosas entre *anjos* e mulheres (Jean CHEVALIER, Alain GHEEBRANT. *Dictionnaire des symboles*, edição revista e aumentada. Paris: Robert Laffont, 1982. p. 45).

- ⁶ Walter BENJAMIN, «Announcement of the Journal Angelus Novus» (1921) in Marcus BULLOCK e Michael W. JENNINGS (eds.). *Walter Benjamin Selected Writings. Volume I. 1913-1926*. Cambridge-Massachusetts: The

Belknap Press of Harvard University Press, 1996. pp. 292-6.

- ⁷ IDEM, «Theses on the Philosophy of History» (1940) in Hanna ARENDT (edição e introdução). *Illuminations*, tradução de H. Zorn. London: Pimlico, 1999. pp.245-55. Este mesmo título foi retomado no início da década de 80, em momento de «fúrias piranesianas» e de projectos teóricos disfarçados de projectos históricos (Paolo PORTOGHESI. *L'angelo della storia*. Roma-Bari: Laterza, 1982). O Anjo da História e o próprio Walter Benjamin são personagens da ópera *Os dias Levantados* (estreia absoluta no Teatro Nacional de S. Carlos, a 25 de Abril de 1998), com música de António Pinho Vargas e libreto de Manuel Gusmão (publicado pela Editorial Caminho em 2002). *Angelus Novus* é também o nome de uma editora portuguesa que assume uma vocação ensaística (ver nota 9 *infra*).

- ⁸ Walter BENJAMIN, «Theses on the Philosophy of History», in Hanna ARENDT, *op. cit.*, p. 249.

- ⁹ Insistindo no jogo das sobreposições e de coincidências e a propósito deste *anjo*, trágico ou «melancólico», ver Maria João CANTINHO. *O Anjo Melancólico: Ensaio sobre o Conceito de Alegoria na Obra de Walter Benjamin*. Coimbra: Angelus Novus, 2002. Este trabalho chegou-nos demasiado tarde para reverter para a redacção do nosso texto mas é absolutamente essencial para muitas questões que aqui são abordadas, nomeadamente para o conceito de alegoria e para algumas alegorias utilizadas.

- ¹⁰ IDEM, «Announcement of the Journal Angelus Novus», in Marcus BULLOCK, *op. cit.*, p. 292.

- ¹¹ IDEM, *Ibidem*.

- ¹² No contexto, o termo corresponde a um instrumento de tortura usado para prender os dedos dos criminosos (MORAIS DA SILVA, António. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª ed. revista, corrigida, aumentada e actualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, I. S.I., Editorial Confluência, 1949. p. 894). No mesmo verbete pode ainda achar-se outro significado, duplamente sabo-

roso e apropriado ao contexto de produção de um artigo numa publicação periódica: «pedaços de carne que os cortadores têm de separar das peças, por não saberem calcular os pesos».

¹³ João BARRENTO. «As Palavras Aladas». in *Público: Mil Folhas* (2005/02/26). Cultura grega, asas e Walter Benjamin coexistem neste ensaio. João Barrento prepara a primeira edição crítica, tradução, comentário e notas de Obras Escolhidas de Walter Benjamin, a editar pela Assírio & Alvim.

¹⁴ Para a Arquitectura, os modelos de referência a que aludimos são a *ECDJ* e a *Nu*; o modelo de reverência é a *Casabella*, sobretudo no tempo em que esteve sob a direcção de Vittorio Gregotti. Para o Design não se conhece paralelo - talvez a *Ar Líquido* possa ocupar esse espaço; para o modelo de reverência, a extinta *Stile Industria* e a *Design Issues*.

¹⁵ Devo esta definição luminosa ao Luís Bernardo, filósofo e amigo que costuma falar com «palavras apetrechadas de asas».

¹⁶ Expressão usada por Daciano da Costa, que convoco com a reverência devida.

¹⁷ Sobre a «Querela entre os Antigos e os Modernos», da qual emerge a possibilidade de dissidência, ou seja da «crítica» e do seu território de eleição, o ensaio, ver: Françoise FICHET. *La Théorie architecturale a l'age classique. Essai d'anthologie critique*. Bruxelles: Pierre Mardaga Éditeur, s.d.. pp. 21-53. Para uma caracterização exemplar dos «textos instauradores» e «comentadores» da Arquitectura e do Urbanismo ver: Françoise CHOAY. *La règle et le modèle. Sur la théorie de l'architecture et de l'urbanisme*. Paris: Seuil, 1980. Para uma apreciação da obra inaugural da tratadística de arquitectura, remete-se também para a edição crítica francesa, *L'art de bâtir de Leon-Battista Alberti*, tradução de Pierre Caye e de Françoise Choay. Paris: Seuil, 2004). A transposição para o Design funciona, ressaltando as diferenças devidas, que começam por ser de ordem cronológica, o que desde logo explica a diferença em termos de quantidade, mas não em termos de qualidade ou de relevância po(l)ética.

¹⁸ A transposição das várias modalidades da teoria da arquitectura para o design funciona desde que se ressalvem as devidas diferenças, que começam, desde logo, por ser de ordem cronológica, o que permite explicar as diferenças em termos de quantidade, mas não em termos de qualidade ou de relevância po(l)ética.

¹⁹ Esta sistematização resulta de diversas conversas com o Luís Bernardo, a quem renovo os agradecimentos da nota 15 *supra*.

²⁰ Expressão utilizada por Johann Sebastian Bach (1685-1750) na dedicatória à primeira edição das suas «Variações» (1741). Ficaram para a história associadas ao nome do conde Goldberg (segundo a tradição, o seu cravista de serviço costumava tocá-las para combater as insónias do Conde, segundo consta, sem grande êxito). Na comunicação apresentada na Ordem dos arquitectos, a apresentação em Flash terminava com um fragmento da «Variação nº3», na transcrição de Uri Cane que a interpreta com o seu *Ensemble* (cravo, viola de gamba, trompete barroco e violino) in «The Goldberg Variations». Köln: Winter & Winter, 2000, CD I, faixa 8.

²¹ Alusão ao emblema de Leon Battista Alberti. Para uma leitura do enigmático lema de Alberti - «quid tum» (e agora?) - ver <www.nybooks.com/articles/2024> (acesso confirmado a 2005/03/16). A mesma expressão latina deu o título à oração fúnebre dedicada a Manfredo Tafuri, pronunciada a 25 de Fevereiro de 1994 no Instituto Universitário de Arquitectura de Veneza e publicada num número monográfico dedicado a Tafuri (Massimo Cacciari. «Quid tum». in *Casabella*. Ano LIX, Jan.-Fev. 1995, nº 619-620. Milano. p. 168). Os dois anjos da história da História são Giulio Carlo Argan (1909-92) e Manfredo Tafuri (1935-94).

²² Termina-se como se começou. A expressão surge na *Odisseia* (XVII, 57) para significar as palavras que Penélope não chega a pronunciar para responder a Telémaco, retirando-se em silêncio.

Concerto de Anjos
Pormenor do painel central
esquerdo do Retábulo de
Issenheim
óleo sobre madeira
1512-16
Matthias Grünewald
(1470-1528)
Musée d'Unterlinden, Colmar

